

De quando a Literatura nos afeta e atravessa:

Entrevista com Ana Paula Botelho

Michel Marques: Olá, Ana Paula! Seja bem-vinda. Antes de começar nossa entrevista, gostaria de deixar um espaço em aberto, caso você queira realizar algumas considerações iniciais. Fique à vontade.

Ana Paula Botelho: Quero primeiro agradecer o convite, na sua pessoa, é claro, pois foi você quem estabeleceu o diálogo comigo. Quando eu falo comigo, eu falo com a gente, pois envolve todo o grupo da Sala de Leitura: as professoras e a outra coordenadora, Professora Rosane Paiva. As professoras estão felicíssimas, elas sabem que eu estou aqui, nesse momento, falando por elas também. Há um grupo que está se encontrando agora, pois fazemos encontros virtuais semanais durante a pandemia e elas estão super empolgadas, pois é o nosso trabalho com a literatura que está tendo essa visibilidade. Agradecer à Jéssica, que é uma querida, e vem participando também desse nosso processo, desse crescimento de formação docente das professoras de Sala de Leitura e Bibliotecas Escolares. E agradecer também à Dayala, indiretamente, pois se não fosse por ela não teríamos conhecido Jéssica e então começa toda essa rede de trocas.

M.M.: Perfeito, Ana Paula. Eu gostaria de começar nossa entrevista com uma pergunta que diz respeito ao percurso da Sala de Leitura. Em um texto publicado em 2012, escrito em parceria com Josiane Soares, vocês indicam de forma breve no início da escrita algumas alterações que o projeto sofreu. Vocês nos dizem que "até o ano de 2008, por exemplo, o seu foco não era o trabalho com a literatura e sim com a 'variedade textual', tendo como objetivo 'sensibilizar para o prazer de ler'. A partir de 2009, o projeto começou a trilhar novos caminhos, voltando-

se para a literatura, mais especificamente para a literatura produzida para crianças e jovens, visto que essa é a faixa etária privilegiada pelo trabalho" (MACEDO; SOARES, 2012, p. 5). Considerando o espaço-tempo que se passou desde então, você poderia nos falar um pouco sobre como nasceu o projeto de Sala de Leitura? Poderia, ainda, nos apontar possíveis mudanças de trajeto que o projeto obteve?

A.P.B.: Então... O trabalho da Sala de Leitura inicial da rede municipal de educação de Itaboraí era pensado como uma proposta com a sala de leitura, só que o objetivo era a variedade textual e a produção artística. As professoras faziam produção artesanal após a leitura dos textos que não eram necessariamente textos literários. Eu acho que o projeto começou em 2007 e vai até 2009 com a coordenação de outra professora que era Assessora Pedagógica da Secretaria na época. E, nesse momento, eu era professora da rede, Josiane Soares também era professora da rede, e uma amiga dela que estava na Secretaria de Educação – na coordenação da Educação Infantil – falou assim: “Olha, eu tenho uma amiga que sabe tudo de literatura e vocês vão ficar malucos com a proposta dela”. Eu também trabalhava com Josiane numa escola do Estado. Éramos professoras concursadas da rede e parceiras de trabalho. - Josiane teve um encontro com a Subsecretaria de Ensino e, com um papelzinho na mão, falando de Rildo Cosson, na verdade, de letramento literário – como diz Marina Colassanti, a leitura é contaminação amorosa – chegou lá provocando encantamentos na Subsecretária de Ensino da época. Uma coisa que eu acho importante marcar aqui, sobre esse início da Sala de Leitura, é que nós não tivemos encaminhamento político para a Secretaria Municipal de Educação. O nosso caso não

foi esse. Fomos por apreciação curricular mesmo, pois Josiane, já na Secretaria Municipal de Educação, me convida para trabalhar com ela. Eu fui e desde 2009 nós damos esse outro viés para o trabalho da Sala de Leitura, que é a partir do entendimento do letramento literário. E, claro, as implicações, na mudança dessa trajetória, é que antes não havia um foco na formação docente. Antes não havia a valorização do livro como objeto, como capital cultural – o livro de literatura prioritariamente – e tudo isso faz modificar todo o encaminhamento da proposta, pois começamos de fato a investir na formação docente – que além de ser uma preocupação nossa é, também, uma preocupação da Rede Municipal de Itaboraí – e com foco no viés literário. Eu só vou antecipar um pouquinho, pois eu acho que você vai fazer outras perguntas em que eu vou tocar nesse assunto de novo: a literatura infantil ainda não aparece de forma plena nos espaços da academia. Então, as pessoas que estão na sala de aula, dando aula, são pessoas formadas em Pedagogia, na sua maioria, e em outros cursos. Mas eu vou pegar aqui, como exemplo, a Pedagogia e a Letras. Na Letras, a literatura infantil ainda é vista como menor. Eu mesma não estudei nada de literatura infantil quando me formei. E não se vê a literatura infantil na Pedagogia. Na UFF, tem um trabalho lindo feito pelo PROALE, mas não faz parte da grade do curso. Na maioria das vezes, são eletivas, não é? São opções os estudos do literário para crianças e jovens. Logo, a pessoa que se interessa por isso, como eu (desde que me formei, busco esse caminho literário), e depende daquela formação, não tem.

M.M.: Bem, já que você tocou na formação continuada, a próxima pergunta diz respeito a ela. Ainda sobre o texto escrito em 2012, você e Josiane Soares refletem sobre o processo de formação continuada das professoras das Salas de Leitura. Nele, vocês lembram que "a leitura literária é o espaço de compartilhar experiências. Ser professor de Sala de Leitura é proporcionar a experiência leitora ao outro". Parece-me que é possível dizer que a formação continuada também se coloca como lócus para a troca de experiências e (por que não?) para a experiência leitora. Pode nos falar mais sobre esse processo de formação

continuada do qual as professoras de Sala de Leitura participam e a que têm acesso?

A.P.B.: Sim. Então, fazemos um trabalho de formação, desde 2009, mensal. E entendemos como processo de formação continuada não só os cursos e as palestras. Nós vamos ao Salão FNLIJ, vamos aos eventos acadêmicos que tratam do tema da leitura literária. Já fomos à UFF várias vezes, em eventos do PROALE, para a UFRJ. Houve um ano, se eu não me engano foi em 2010 ou 2011, fomos três dias seguidos com as professoras da sala de leitura, todas enfiadas no ônibus, sacudindo de Itaboraí até a UFRJ para um evento de Literatura Infantil. Então, entendemos esse engajamento como algo prioritário. Como a literatura não é uma disciplina estudada pelos docentes na sua formação acadêmica, no processo dos que fizeram curso normal, que fizeram outros cursos em nível superior, a literatura é vista ainda daquela forma primária, quando somos alunos do Ensino Médio. Eu faço muitas formações para professores e professoras da rede, perguntando isso: "O que é literatura para você? O que você entende por literatura?" E a fala é do Barroco, da escolarização da literatura naquela parte de períodos literários e dizem "Ué, mas eu nunca li livro. Eu lia livro para fazer prova. Para saber quem é o narrador". O que se vê é que a especificidade da literatura, em si, ficava de lado. E tem um trecho dos nossos documentos, que eu queria ler, pois sempre falamos sobre isso: entendemos que "a literatura tem um duplo papel para as professoras de Sala de Leitura. Primeiro, pois se configura como elemento formativo desse sujeito leitor", pois entendemos essa professora como leitora. Não acreditamos que é uma professora formando alunos leitores. Compreendemos que é uma leitora formando outros leitores. E também, a literatura é "o instrumento de trabalho delas e exige destas profissionais, uma reflexão ainda mais apurada desse objeto, bem como um conhecimento de formas mais adequadas para escolarizá-lo." Assim, elas começam a refletir sobre isso. Elas deixam de ser uma simples leitora, para

pegar aquele objeto - que é o livro – que ela só fruía, que ela só lia, para pensar sobre o livro literário de uma maneira mais apurada, no sentido de entender os processos daquela criação, dos seus contextos de produção e da sua própria autoria, não é? Essa formação é muito pautada nisso: nas especificidades da literatura. E por conta disso, nós escrevemos o referencial curricular de literatura (se eu não me engano, é apenas o Colégio Pedro II e a Rede Municipal de Itaboraí que têm isso oficialmente, um documento) e esse ano estamos fazendo a reelaboração e incluímos a Educação Infantil e a EJA, pois até então só era para o Ensino Fundamental I e II. E vamos trazendo as expectativas de aprendizagem, os eixos temáticos e as sugestões didáticas para orientar esse professor, pois quando as professoras chegam, elas se sentem muito perdidas, sem saber por onde começar. Então, esse processo de formação é um investimento mesmo, para que se entenda esse trabalho com uma literatura de qualidade, o que é a literatura de fato, segundo Antonio Candido. O nosso projeto se baseia em três fundamentações teóricas: o direito à literatura, segundo Antonio Candido, para o aluno exercer esse direito. Não é a gente dar esse direito, é ele saber que tem esse direito. O Rildo Cosson e a Graça Paulino, com letramento literário, e o Tardif, com essa questão da formação docente, do saber da prática. Vemos que as professoras, intuitivamente, no início, começam esse trabalho – pois damos muito autonomia – e aí nós vamos fundamentando teoricamente essas impressões, esse saber-fazer e elas vão se consolidando e se organizando. Há uma professora, Aline, de um CEMEI, que relatou que antes de ela ser professora de Sala de Leitura – ela era apenas professora regente – tinha um menino na sua turma de Educação Infantil, que batia muito nos outros. E ela decidiu buscar um livro para ensinar o menino a parar de bater nos outros. Eu logo perguntei: “E ele parou de bater?” e ela, frustrada: “Não. Ele continuou batendo”. E hoje, como professora de Sala de Leitura (eu achei lindo o depoimento dela), ela declara como que, na época, ela

perdeu a oportunidade de explorar os sentidos daquele texto, se preocupando apenas em ler para aquele menino aprender a parar de bater nos outros. Eu disse: “Você tinha que ter chamado a Orientação Educacional, ter falado com a família, ter procurado uma psicóloga. Não o livro de literatura para resolver isso”. E então, nesses processos, elas vão revisitando a prática e, por meio das formações contínuas, do encontro com seus pares e trocas de experiências, elas conseguem repensar, refletir e transformar essa prática, às vezes tão enraizada.

M.M.: Gostaria de fazer uma pergunta relacionada ao que você nos contou. Enquanto você falava, eu me lembrei da Zilberman que diz “o professor que não é leitor, não formará novos leitores”. Como se dá, então, essa relação de professores na Sala de Leitura, pois eu lembro que em algum momento você já disse que os professores que lá atuam não necessariamente são formados em Letras. Muito pelo contrário, é um grupo um tanto plural, com professores em formações distintas. Como se dá esse processo de formação continuada, mas também, nessa prática docente, a relação com a literatura e a leitura?

APB: Então, o grupo é totalmente heterogêneo: temos docentes com formação em Ensino Médio – o Curso Normal – e temos docentes com formação em nível superior que são: Letras, História, Matemática, Geografia, Educação Física, Pedagogia e Biblioteconomia. E, nessa diversidade toda, temos também profissionais concursados, efetivos da rede, profissionais com dobra (tipo a GLP do Estado) e ainda profissionais que são contratados. E durante o nosso primeiro percurso no trabalho com a formação docente dessas professoras (e eu vou falar no feminino, pois atualmente só temos professoras), começamos a trabalhar com um memorial das leituras delas para compreender que leituras marcaram as suas vidas e em que lugar isso aconteceu. Descobrimos um grupo em que vemos o início da leitura na família, um outro

grupo que tem exclusivamente esse momento na escola e outro que tem o início da leitura exclusivamente só na universidade. Logo, a partir desse processo de como elas se consideram e como se compreendem leitoras, vamos construindo a identidade do grupo. Infelizmente, como não é um trabalho realizado em todas as unidades escolares (de uma rede, hoje, com 93 escolas, atendemos somente a 32), esse grupo acaba não sendo contínuo. Então, por exemplo, o professor contratado tem um período para estar ali, mas ele recebe a mesma formação de qualidade. A maioria passa para outros municípios e vai fazer esse trabalho em outros lugares. E a partir dessas práticas de leitura, nós vamos partilhando com elas também. Elaboramos atividades, planejamos juntas, trazemos discussões e temas, além de trabalharmos com os textos teóricos. Elas já leram Antonio Candido, estão lendo o nosso Referencial Curricular de Literatura. Estão criando um glossário do referencial de literatura, para que possam se apropriar melhor dos termos específicos da Literatura que fazem parte do dia a dia delas, do trabalho delas.

M.M.: Certo. Bem, nossa terceira pergunta diz respeito às redes de trabalho estabelecidas. Penso ser possível dizer que para a constituição da práxis docente é imprescindível lançarmos mão da construção de redes de trabalho e enlacs com nossos pares. Poderia destacar alguns trabalhos e algumas ações que têm sido construídos/as nessas redes e que vêm contribuindo para o desenvolvimento do percurso realizado pela Sala de Leitura?

A.P.B.: Então... Eu acho que o grande caminho que trilhamos foi lá em 2010, quando nós fomos até a UFF e travamos a parceria com o PROALE. Foi uma parceria muito bem aceita, pois tínhamos uma proposta consolidada, tínhamos um encaminhamento do trabalho com a leitura literária. À época, era a professora Margareth Mattos que estava à frente do PROALE, sob a coordenação da Professora Cecília Goulart. E, em função desse contato, começamos, além de frequentar

com as professoras os eventos acadêmicos que tratavam da literatura, uma parceria direta. Então, o PROALE veio até nós em Itaboraí e fez vários cursos. Ano passado, por exemplo, tivemos a quarta ou quinta edição de um curso realizado pelo PROALE/UFF em Itaboraí. Vários professores e professoras, convidados/as à época por Margareth, foram até o nosso município para ministrar palestras, oficinas e cursos, como a Professora Nilma Lacerda, por exemplo, que foi à época do recolhimento do livro Enquanto o sono não vem, para falar de temas polêmicos na literatura. E temos outras parcerias, não tão intensas como a do PROALE, mas oriundas dele, com professores de outras instituições, com a Ana Crélia da UFRJ e agora com Jéssica Rodrigues, que envolve o GEPLA e o LabLA. A parceria com a professora Jéssica Rodrigues foi muito importante para a conscientização das professoras da importância de se falar sobre o nosso trabalho, pois nós íamos aos lugares receber informações, receber conhecimento e, claro, quando falamos de literatura, estamos recebendo e trocando afeto o tempo todo, pois não conseguimos ver o trabalho de outra maneira. Entretanto, as professoras começaram a perceber que elas também são produtoras de conhecimento. A partir desse momento, nós (eu e Rosane Paiva) começamos a buscar meios de convencê-las (pois as professoras morrem de medo, morrem de vergonha) de se apresentar. Não é de se expor ou promover individualmente, mas de dar visibilidade ao trabalho maravilhoso que elas fazem. Isso não pode ficar apenas dentro da sala de aula, dentro de algumas escolas e dentro de algumas equipes. Isso precisa ganhar o mundo, pois é um trabalho muito lindo com a literatura. Eu, particularmente, nunca vi, dessa forma, um trabalho acontecer em outro lugar. Então, é esse trabalho que estamos fazendo com esses pares. Todos que vêm falar conosco, gostam muito e incentivam as professoras a levarem esse conhecimento para outros lugares. Isso tem dado a elas muita segurança, pois se eu não acredito, mas a pessoa lá da UFF, lá da UFRJ, vem até aqui dizer que meu tra-

balho é legal, isso começa a gerar um clima de confiança naquilo que estamos fazendo. E nós tivemos, também, um retorno agora da pessoa que está revisando o nosso referencial reelaborado, de que ela sente no texto esse comprometimento com a literatura, esse envolvimento com o trabalho e esse amor pela literatura em Itaboraí, pois queremos dar acesso a ela para todo mundo.

M.M.: Gostaria, agora, de encaminhar nossa conversa para um local bem específico: a escola. Para além da formação, o espaço escolar se coloca como uma local fértil para propiciar o diálogo, a formação de cidadania, a formação de identidades e o compartilhamento de conhecimentos - sem deixar de lado, é claro, a formação coletiva. Nesse sentido, considerando que o espaço escolar está aquém e além da sala de aula, você poderia nos falar um pouco dos efeitos e dos atravessamentos que a Sala de Leitura produz (e afeta) nos espaços de aprendizagem?

A.P.B.: Então... Existe um grande entrave com relação ao não entendimento do nosso trabalho nas Salas de Leitura e Bibliotecas Escolares (SLBE) pelos nossos pares: professores regentes e a própria equipe diretiva, pois não reconhecem essa proposta com a literatura a partir das suas especificidades, ou seja, que a leitura em si é uma atividade. Ainda existe aquela primeira ideia sobre a equipe SLBE de que quem está nos espaços de leitura não faz nada, não produz, pois ela está ali “lendo”, emprestando livros ou pensando em projetos com a leitura, a leitura literária e a pesquisa. E contraditoriamente a escola quer que o aluno leia, mas ler não é valor para a escola, entende? O que se considera valor na escola com relação à leitura é a tomada de leitura, é a decodificação de palavras, é o entendimento da leitura de um texto como pretexto para ensinar conteúdos gramaticais, para que você reconheça substantivos, verbos... Eu morro quando vejo essas coisas. E aí o que acontece: primeiro a gente tem esse choque muito grande, pois a professora que está ali, na Sala de Leitura, ela, primeiramente,

é uma professora regente. Logo, ela não teve formação específica e, por isso mesmo, começa a reinventar a sua prática, porque a formação docente começa a colocar outras situações para que ela possa refletir. E aí nós pedimos, nesse momento pandêmico, já que elas participam agora de reuniões semanais de planejamento coletivo com a equipe, que elas tenham voz nesse espaço, que elas possam apresentar o trabalho, a proposta SLBE. Temos tudo documentado: tem um documento que rege a estrutura e o funcionamento das SLBE, o que é responsabilidade das professoras de SLBE, quais são os objetivos do trabalho. A gente pede para que elas compartilhem isso, mas em muitos poucos casos, em poucas escolas, elas têm essa possibilidade. Então, quando a equipe diretiva (e eu me refiro à direção, à coordenação e à orientação educacional) e a equipe docente abraçam o trabalho, é uma maravilha! Aí a escola é atravessada por um encantamento literário, pois envolve o grupo e quem ganha com isso é o aluno. Na nossa proposta, nós também desenvolvemos um projeto com a comunidade escolar. Entendemos que o trabalho não pode acontecer só com o aluno. Ele é a prioridade, é quem tem a maior carga horária, óbvio, mas as professoras têm duas horas semanais para pensar em ações que possam movimentar o interesse literário seja dos professores, da equipe diretiva, das merendeiras, do pessoal de apoio e da própria família. Em reunião de pais, por exemplo, algumas das professoras fazem leitura e emprestam livros para essas famílias. Às vezes, são as crianças que são os leitores para esses pais, os leitores, pois muitos não sabem ler. Existe, então, esse movimento de integração da equipe. Agora, nas escolas em que isso não acontece, nós vemos discursos, por exemplo, de professores de referência dizendo que a professora da Sala de Leitura e dos Espaços de Leitura e Pesquisa trabalha menos, pois ela não preenche uma presença no diário e porque ela não tem nota avaliativa dos estudantes. Como fazemos parte da área diversificada, a nossa avaliação é qualitativa: o aluno é avaliado de outra maneira. A questão é: a

professora regente tem uma turma. A nossa professora da Sala de Leitura trabalha 14 horas com o aluno. Então, ela pode ter até 14 turmas. Realmente, você tem muito menos trabalho com 14 turmas do que com uma, não é? E são 14 turmas diferentes: de primeiro ano, de segundo ano, de quinto ano, de Educação Infantil. São organizações muito diferenciadas. Às vezes, as professoras de Sala de Leitura conseguem explicar e trazer esse horizonte do nosso trabalho para dentro da escola: Aí é uma maravilha. É claro que há dificuldades. Mas nas escolas em que há esse embate o tempo todo, as coisas ficam muito difíceis. E aí eu e Rosane, que somos as coordenadoras, temos que conversar com aquela equipe para possibilitar a realização dessa proposta literária. Vou falar rapidamente sobre a pandemia: nesse período atípico, que aparentemente seria o pior para a gente, o trabalho está tendo visibilidade. Nós conseguimos pela primeira vez, em onze anos, fazer uma formação com os coordenadores das escolas. Aconteceu no turno da manhã e no turno da tarde. Falamos para uma média de 50 pessoas de manhã e 60 de tarde. Nunca aconteceu isso. Antes, com a demanda de trabalho presencial, não podíamos dar formação para as outras equipes, pois não havia tempo para isso. No *on-line*, estamos conseguindo e está sendo maravilhoso. E o que eu fiz? Eu não sou boba e nem nada, chamei coordenadoras que trabalham em parceria com a Sala de Leitura e as levei para fazer relatos da experiência. Se eu, Ana Paula, da Secretaria de Educação, vier aqui e disser o que o professor e o coordenador têm que fazer, eles vão dizer que eu sou louca porque não estou dentro da escola. Mas as coordenadoras são pares, elas são iguais, elas podem falar. Foi incrível, pois começaram a vislumbrar um pouco o que seria o trabalho literário de fato. Por exemplo: Itaboraí tem uma Feira do Livro, com autores homenageados, a partir disso, fizemos uma provocação: “Contemplando os homenageados, nós estamos realizando um trabalho efetivo com a leitura literária na escola? Você pegar um texto e fazer uma contação de histórias, é um trabalho efeti-

vo com literatura na escola?”. Essas profissionais da educação começaram a repensar sobre aquilo que conheciam como verdade. Não culpabilizamos ninguém, falamos que não tem obrigação de saber, mas que existe uma equipe na Secretaria de Educação voltada para isso. Já fomos, inclusive, convidadas para falar de forma remota em três escolas. Então... Acredito que as coisas estão melhorando.

M.M.: Perfeito. Bom, já que você tocou na pandemia, a próxima pergunta fala sobre ela. Veja, Régine Robin (historiadora, socióloga, escritora e professora da Universidade de Quebec) nos ensina que "o presente não é homogêneo, mas uma estridente articulação de temporalidades diferentes, heterogêneas, polirrítmicas" (ROBIN, 2016, p. 40). Refletir sobre essas articulações e rangidos que constituem o presente se coloca como lugar de fascínio aos que se aventuram. Por isso, gostaria de tocar em um ponto de nosso presente para fecharmos nossa entrevista. Temos vivenciado um momento de pandemia que provocou reconfigurações no fazer-docente. Em tempo recorde, uma série de medidas foram tomadas, como a implementação do chamado ensino remoto em algumas instituições. Decerto, trata-se de reconfigurações que provocam mudanças na prática docente. Você poderia apontar alguns efeitos dessas reconfigurações para a Sala de Leitura? E em um exercício de reflexão, é possível dizer o que pode permanecer em ações futuras?

A.P.B.: Primeiro, eu gostei muito dessa sua colocação de “reconfiguração do fazer-docente”. As pessoas estão falando muito em reinvenção. Só que no dia em que decidimos ser professoras/es, estamos nos reinventando o tempo todo. Isso não é de hoje. A cada dia em que você entra em uma turma, ainda mais hoje com acesso à tecnologia – independente da pandemia –, tem que participar desse processo de mudança o tempo todo. Eu não acredito em reinvenção do professor na pandemia. Acredito no processo de reinvenção cotidiano do professor. Então, eu gostei

muito da palavra reconfiguração. E eu acho que é isso: mudou o suporte, não é? Antes, nós entrávamos em sala de aula, a professora de Sala de Leitura com os livros de literatura e fazíamos um trabalho, uma proposta: olho no olho e a interação se dava ao vivo e em cores.

Quando a pandemia chegou, Itaboraí, logo de início, não promoveu atividades remotas. As professoras das SLBE e as demais ficaram de 16 de março até o mês abril sem atuar em nada. E aí nós da coordenação é que começamos a pensar nisso. Chegaria o momento de ter esse contato remoto, não sabíamos como e nem o que aconteceria. Eu e Rosane conversamos muito, em primeiro lugar, a respeito do bem-estar do professor. Todo mundo fala que o professor tem acesso à tecnologia, quando na verdade não é assim. Há professores, infelizmente, que não têm uma rede de qualidade. Há professores que não têm condições de pagar por uma. Há professores que não têm material tecnológico (um computador, um laptop, uma câmera) e alguns não têm o acesso tecnológico: possuem o material, mas não sabem mexer com ele. O nosso grupo é muito misto: há professoras que sabem mexer e outras, não. Então, a primeira preocupação que nós tivemos foi com essa questão. É algo que dá depressão, pois ser professor, hoje, é viver nesse processo emocional muito delicado. Então não queríamos, pois o trabalho na Sala de Leitura as deixa muito felizes. Elas vão para as reuniões alegres, elas levam relatos dos alunos que dão parabéns. Teve uma professora de um CEMEI que nos contou que o menino falou que queria guardá-la no armário de livros – como se ela fosse um livro, com todo carinho e com todo cuidado. As professoras têm uma relação muito bonita com essas crianças, pois são as aulas em que os alunos têm voz. São as aulas em que eles são ouvidos, em que se pergunta como eles estão e se quer ouvi-los. Tem até um relato em que a professora fala que ela mesma ficou muito nervosa, pois era um período de perdas, de morte, de ausências, de não poder estar perto de ninguém e que, na primeira reunião que

teve com a equipe da Sala de Leitura, nós, ela viu coordenadoras aflitas, nervosas, inseguras, sem saber muito o que fazer, mas que preferiram acalmar as professoras. Eu achei essa percepção muito bonita, pois o nosso trabalho perpassa o tempo todo pelo acolhimento. E era isso que a pandemia estava pedindo: acolhimento. Então, a nossa grande dificuldade (e já é a dificuldade de sempre e não é porque é pandemia) é entender esse trabalho com a literatura com as suas especificidades. Esse é o nosso problema: em qualquer época, em qualquer momento. E, no caso da pandemia, é: como fazer isso chegar ao aluno que não tem acesso à internet? Que tem apenas o celular do pai que não parou de trabalhar, pois passariam fome? Às vezes não tem nem o celular em casa. Ou se tem o celular, possui um pacote de dados de internet muito raso, que possibilita apenas o acesso às redes sociais. Ou seja, uma situação muito difícil. Assim, nosso primeiro momento foi pensar em como criar vínculos por meio digital. Como fazer isso? Como estar diante da tela do computador com câmeras fechadas, com dificuldades de uma internet de qualidade.

Muitas escolas optaram pelo uso do *WhatsApp*, do aplicativo de mensagem. Então, produzimos o material e começamos a pensar em como fazer. E tudo foi um processo: tivemos formação para fazer vídeo – foi até a Cintia Rabello que deu formação pelo PROALE –, por exemplo. Foi muito interessante ver, a cada encontro delas, um amadurecimento. Quando eu e Rosane pensamos lá no início, não sabíamos que daria certo. Nós pegamos a equipe e a subdividimos em grupos: há um grupo dessas professoras que pensa em material para a Educação Infantil; outro, pensa material para o Fundamental I; e outro, para pensar material para o Fundamental II e para a EJA. E só para você entender: nós não temos, nesse momento, em Itaboraí, professores de Sala de Leitura para o Fundamental II e para a EJA. E o que foi legal é que o nosso material está chegando nessas escolas que, antes, não chegavam de

modo algum. É muito interessante essa visibilidade que alcançamos por meio digital. As professoras também fizeram clubes de leitura virtuais. E a cada mês, íamos aprendendo e pensando em como chegar nesse aluno. As atividades remotas em Itaboraí são postadas em uma plataforma e por material impresso – esse material impresso é distribuído às famílias na escola, ou os ônibus das escolas andam pelos bairros realizando as entregas. Nós criamos um material no YouTube e o mesmo material que produzimos nos vídeos, elas também fazem por escrito, para que as crianças tenham acesso ao mesmo material. Além disso, por causa da pandemia, também temos encontros semanais. Então, toda semana elas se encontram em grupo para pensar juntas as atividades. Elas elaboram as atividades, mandam para eu e Rosane revisarmos para que as atividades possam ser encaminhadas aos alunos. Acho então que, de agora em diante, a tecnologia terá que fazer parte de nossa vida, não é? Antes as pessoas tinham muito medo e agora não têm para onde correr. A tecnologia pode ser um auxílio. Não é uma bengala, mas é mais uma possibilidade de propiciar, de favorecer a aprendizagem (não é a única). Não substitui de modo algum a presença do professor, principalmente no caso do professor de Sala de Leitura que media aquela leitura. Existe todo um processo de você estar ali, de estar vendo as sensações, de perceber se o aluno está se emocionando ou se angustiando com a leitura e você pode intervir naquele momento, o que pela tela do computador é frio, não tem como você fazer isso. Embora você perceba que há algo esquisito, você não consegue. Fora as interferências: o gato andar pela mesa, alguém chamar, obras nas casas dos vizinhos. Acho que a pandemia trouxe algo que nós, antes, estávamos mais perto fisicamente, mas não estávamos tão envolvidos. A pandemia trouxe, um pouco, essa possibilidade de uma empatia maior, de uma empatia real, de você olhar para o outro e ver a hora em que a pessoa diz “Eu não estou aguentando. Eu não posso fazer isso”. Teve um período no processo de formação das

professoras de Sala de Leitura durante a pandemia que eu pedi para uma amiga, que foi da rede de Itaboraí, fazer uma oficina de conto expressão. Foi um presente, um momento para as professoras relaxarem e serem ouvidas. E naquela semana elas não produziram nada. A gente não pode ficar o tempo todo diante da tela do computador, por mais de quatro horas. É muito difícil.

Eu acho que a proximidade, esse trabalho coletivo, que não havia antes, vai perdurar. Elas montaram um grupo de *WhatsApp* e eu já pensei assim: daqui pra frente, pensarem em propostas. Então, por exemplo, todas aquelas que trabalham no Fundamental I podem utilizar o mesmo livro literário e pensarem proposições juntas. Mas isso não significa que a aplicação do material nas escolas vá ser encaminhado da mesma maneira que nas outras. Elas podem, sim, sugerir temas coletivos, que de alguma forma trazem um pouco de unidade para o trabalho, mas nós também não conseguimos ver a literatura engessada e amarrada: todo mundo vai trabalhar *O dono da bola*, da Ruth Rocha, nas escolas. O texto pode ser selecionado por todas. Como isso vai desencadear os processos dentro das escolas, não temos como prever. Eu acho que é isso que vai ficar daí para frente. Nas ações futuras, como diz de forma bonita a pergunta.

M.M.: Perfeito, Ana Paula. Gostaria de agradecer em nome da Sede de Ler sua participação em nossa entrevista. Deixarei o espaço em aberto para que você possa realizar alguma consideração final, caso queira.

A.P.B.: Veja, eu penso que desenvolver uma proposta com a Literatura na educação básica significa “*carregar água na peneira para a vida toda*”, como disse nosso querido Manoel de Barros. E, que possam lembrar de nós por nossos *despropósitos e peraltagens* com as palavras, em encher vazios, pois acreditamos que a formação do docente leitor de literatura é o caminho mais viável e, por isso, estamos a encher de água essa nossa peneira e, mesmo diante de tantas adversidades repetidas ao longo

desses 11 anos, percebemos que *é possível ensinar e aprender com a literatura*. Quero aproveitar e deixar à disposição o depoimento de uma professora que participou da Sala de Leitura de 2007 a 2019, ele demonstra a potência e o afeto do trabalho docente que desenvolvemos nas Salas de Leitura da rede:

Itaboraí, 23 de outubro de 2018

Sensibilidade, comprometimento e entusiasmo... essas três palavras resumem o sentimento que o trabalho em Sala de Leitura me proporcionou durante os doze anos que participo do projeto.

Sempre me entusiasmei pelos livros e pela Literatura, por isso, na minha vida profissional, as aulas sempre partiram de uma reflexão literária; dessa forma, não foi difícil a identificação com a função que exerço.

Entretanto, posso afirmar que, durante esse tempo, precisei estudar e planejar muito bem os encontros com os alunos, como também participar de capacitações e renovar ideias e projetos, trocar experiências com outros profissionais... Enfim, todas essas situações descritas tiveram o propósito de aprimorar cada vez mais meu trabalho.

Durante esse tempo, posso dizer que experimentei momentos que precisei superar, recomeçar e, em outras situações, necessitei esclarecer a importância desse projeto para a comunidade escolar onde leciono.

Agradeço a oportunidade que a escola onde trabalho tem me proporcionado de continuar participando dessa proposta. Também sou grata à professora Ivone que deu os primeiros passos para o projeto, que, na época, chamava-se *Ressignificando a leitura* e, mais ainda, meus sinceros agradecimentos às professoras Josiane, Ana Paula e Rosane, pois tão eficazmente lutam pelo aperfeiçoamento e continuidade desse projeto.

Finalizando meu depoimento, gostaria de humildemente parafrasear um fragmento da obra da escritora Clarice Lispector: “Sou o que quero ser, porque possuo apenas uma vida e nela só tenho uma chance de fazer o que quero. Tenho felicidade o bastante para fazê-la forte, tristeza para fazê-la humana e esperança suficiente para fazê-la feliz...”.

Luciane Azeredo de Souza

Professora da Sala de Leitura de 2007
a 2019

REFERÊNCIAS

MACEDO, Ana Paula S. B. de; SOARES, Josiane de S. Quando professoras leem literatura... Uma reflexão sobre o processo de formação continuada de professoras de Sala de Leitura. *Sede de Ler*, v. 3, n. 1, p. 5-10, 21 out. 2020.

ROBIN, Régine. *A memória saturada*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

SOBRE A ENTREVISTADA

Ana Paula Botelho é Graduada em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Veiga de Almeida. Pós-Graduada em Docência dos Ensinos Fundamental e Médio pela Universidade Gama Filho. É professora da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro e Coordenadora da Sala de Leitura e Bibliotecas Escolares da Subsecretaria de Ensino da Secretaria de Educação e Cultura de Itaboraí. Estuda a formação do docente leitor de literatura e o ensino da literatura na educação básica.

SOBRE O ENTREVISTADOR

Michel Marques de Faria é Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Linguística pela mesma universidade. É graduado em Letras - Português e Língua Italiana pela Universidade Federal Fluminense. É integrante, na qualidade de Pesquisador, do grupo de pesquisa CoLHIBri (O Cotidiano na História das Ideias Linguísticas). Faz parte do Grupo Arquivos de Língua (GAL).